

Jornalismo e a Representação do Outro: O muçulmano na cobertura dos atentados terroristas em Paris no jornal Folha de São Paulo¹

Débora Smith SANDER²

Aline do Amaral Garcia STRELOW³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

A proposta deste artigo é estudar a representação do muçulmano na mídia impressa jornalística quando da cobertura de atentados terroristas. Para isso, analisamos um conjunto de 30 textos publicados nas edições de 14 e 15 de novembro de 2015 do jornal Folha de São Paulo, após uma série de ataques coordenados na cidade de Paris. Como apoio teórico, usamos os conceitos de orientalismo (SAID, 2007), identidade e representação (HALL, 2006) e pseudoambiente (LIPPMANN, 2008), entre outros autores e pesquisadores com teorias na área da comunicação, jornalismo e Oriente Médio. Observou-se que o objeto faz com frequência relações entre atentados terroristas e o Islã. Além disso, há pouco aprofundamento histórico nas abordagens das matérias estudadas, e pouco espaço de fala a fontes de fé islâmica.

PALAVRAS-CHAVE: cobertura jornalística; cultura; islã; representação; terrorismo.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa compreender os processos de representação e construção da imagem do povo muçulmano a partir da narrativa jornalística sobre atentados terroristas. Desde os ataques de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, o termo terrorismo tem sido usado de forma cada vez mais frequente. A partir dos discursos midiáticos sobre os atentados terroristas atribuídos à organização Al Qaeda, a visão ocidental da cultura árabe ficou permeada por já antigos estereótipos negativos. O povo muçulmano passou a ser associado ao fanatismo religioso, ao extremismo ideológico e, como consequência final, aos ataques armados contra países ocidentais.

Após mais de uma década em perseguição aos responsáveis pelos atentados de 11 de Setembro, os Estados Unidos conseguiram capturar e executar o principal mentor

¹ Trabalho realizado para envio ao DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

² Estudante de graduação 8º semestre do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, email: deborassander@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo da FABICO - UFRGS, email: alinstrelow@terra.com.br

dos ataques, Osama Bin Laden, aumentando drasticamente suas medidas de segurança em relação à entrada de imigrantes no país. Em 7 de janeiro de 2015, a França foi o novo alvo do extremismo islâmico. A redação do jornal satírico Charlie Hebdo foi invadida por homens armados e doze pessoas foram mortas. A autoria do ataque foi assumida pelo grupo Estado Islâmico, fundado em 2004 a partir do braço da Al Qaeda no Iraque. A motivação do atentado teria sido uma charge publicada no periódico que satirizava o profeta Maomé, mensageiro de Deus para o Islã.

As medidas de segurança que o governo francês tomou após o atentado de janeiro não foram suficientes para impedir novos ataques, de dimensões ainda maiores, em 13 de novembro do mesmo ano. Com atentados em quatro pontos da capital francesa, o Estado Islâmico, declarando-se novamente como autor do ocorrido, deixou 129 mortos em Paris, em lugares como a casa de shows Bataclan e o Stade de France.

A revolta, o medo e a tristeza daqueles que sofreram diretamente com os atentados causou comoção na comunidade internacional. A atmosfera emocional da situação, somada ao receio de cada país em ser o próximo alvo, resultou em leituras eventualmente simplificadas do fato, por parte da população. Surgiu a necessidade de buscar culpados, de tipificar pessoas que pudessem ser ameaças à segurança, para assim barrar potenciais terroristas. Todo este contexto fez com que a população de países ocidentais adotasse, por vezes, uma ótica baseada em estereótipos culturais e com pouca pluralidade na forma de enxergar o outro. Os casos de islamofobia na França, em 2015, triplicaram em relação ao ano anterior (TERUEL, 2016)

Neste cenário, o papel da mídia seria de esclarecer, aprofundar, promover a reflexão racional e complexa a um debate que tende a ser afetado pela comoção e constantemente simplificado. Entretanto, muitas vezes o que se vê na cobertura jornalística desses acontecimentos é a adoção, por parte dos veículos, de uma lógica também simplista e emotiva. Além disso, os elementos da linguagem simbólica, visual e textual, carregados de significação ideológica, têm o poder de estabelecer papéis claros para os sujeitos envolvidos nos fatos. Tais papéis têm origem num enquadramento cultural que é muito anterior a uma decisão do próprio veículo, pois nasce na construção da cultura de cada país, e na tendência de enxergar os fatos com a lente da própria cultura (GOMIS, 2004).

A discussão sobre a temática do terrorismo, do extremismo islâmico e da cultura árabe, embora bastante recorrente no ambiente acadêmico de áreas relacionadas à

Ciência Política, às Relações Internacionais, à Geopolítica e mesmo à Antropologia, é ainda pouco estimulada para além da universidade. Tendo no Jornalismo uma ferramenta para trazer assuntos complexos às discussões cotidianas, tornam-se imprescindíveis a reflexão e o debate sobre o papel efetivamente exercido pelos veículos jornalísticos no aprofundamento deste tema.

Conceber a população como receptora-passiva da informação midiática é uma ideia há muito superada. Contudo, através de elementos simbólicos da linguagem visual e textual, a comunicação jornalística tem o poder de influenciar a opinião pública, favorecendo em maior ou menor grau a discussão e o aprofundamento de determinados assuntos (LIPPMANN, 2008). A narrativa jornalística promove mais intolerância quando favorece uma visão ocidentalizada do povo e da cultura árabes, buscando vilões para problemas complexos e tipificando o muçulmano como potencial terrorista. Socialmente, este estudo se justifica no sentido de procurar um olhar mais humano do outro, enxergar com alteridade uma cultura que não é a nossa e expandir o debate com o objetivo de promover a tolerância e o respeito.

Com o desenvolvimento deste artigo, busca-se identificar os elementos simbólicos existentes na narrativa jornalística de atentados terroristas que reforcem uma determinada imagem do muçulmano. Como objeto deste estudo, se pretende analisar a cobertura do jornal Folha de São Paulo no período de dois dias após os atentados de 13 de novembro de 2015 em Paris.

2. ESTADO DA ARTE

A temática do discurso jornalístico a respeito de eventos de terrorismo começou a aparecer com mais frequência nas pesquisas acadêmicas brasileiras após os atentados de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos. Ao fazer o levantamento bibliográfico inicial desta pesquisa - consultando bibliotecas virtuais de universidades brasileiras, além do banco de teses da CAPES -, foram localizados 12 trabalhos acadêmicos neste período, entre trabalhos de conclusão de cursos de graduação, artigos, dissertações de mestrado e teses de doutorado. Destes doze, metade trata de desdobramentos diretos do 11 de setembro. Já em 2002, Silvia M. Montenegro projetou um olhar antropológico sobre os discursos da mídia a respeito do Islã no Brasil, em um artigo. Em 2005, Carla Luciana Silva publicou um artigo que nos serve muito como base para o presente trabalho, já que trata da cobertura da revista Veja a respeito dos atentados nos Estados

Unidos. No ano seguinte, em 2006, Luciana Barcelos Souza e sua orientadora Adriana Facina Gurgel Amaral fizeram uma análise imagética das representações do Oriente Médio e do Islã na mídia de massa, que publicaram em artigo. Em 2007, Isabelle Christine Somma Castro defendeu sua dissertação de mestrado, que trouxe a análise de matérias dos jornais Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo nos períodos anterior e posterior ao 11 de setembro de 2001. Alguns anos depois, em 2012, César Henrique de Queiroz Porto apresentou sua tese de doutorado analisando a forma como o Islã foi retratado entre 2001 e 2002 na mídia televisiva brasileira.

A respeito dos outros seis trabalhos, cabe destacar o artigo de José Luiz Aidar Prado, publicado em 2006 a respeito da construção do Outro na mídia semanal; de Claudia Lago, que tratou também em artigo da apreensão do Outro no jornalismo; e de Carolina Carvalho Trindade, que analisou, em seu trabalho de conclusão do curso de Jornalismo, os sentidos construídos sobre o terrorista na cobertura do Jornal Nacional sobre os atentados em Paris em novembro de 2015. Polianne Merie Espíndola, Denise Christine Paiero e Luiz Antônio Araújo também contribuíram com esta temática na pesquisa brasileira.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1. O Orientalismo de Edward Said

Para proceder à análise do objeto de pesquisa, é preciso recorrer a alguns conceitos relacionados ao assunto. O pesquisador e crítico palestino Edward Said (1978) situa três acontecimentos históricos importantes para a formação do que ele chama de orientalismo: a ocupação francesa do Egito por Napoleão, em 1798; a ocupação britânica do território em 1882; e, por último, a experiência americana no Oriente após a Segunda Guerra Mundial. Conforme Said, a partir das experiências político-militares citadas, surgiu a produção intelectual de pensadores ocidentais a respeito do Oriente - que o autor define como Orientalismo.

(...) *Orientalismo*, um modo de abordar o Oriente que tem como fundamento o lugar especial do Oriente na experiência ocidental europeia. O Oriente não é apenas adjacente à Europa; é também o lugar das maiores, mais ricas e mais antigas colônias europeias, a fonte de suas civilizações e línguas, seu rival cultural e uma de suas imagens mais profundas e mais recorrentes do Outro. (SAID, 2007, pp. 27-8)

Said (2015) se refere ao desenvolvimento de uma autoridade discursiva do Ocidente sobre o Oriente. Estima-se que cerca de 60 mil livros sobre o Oriente Próximo tenham sido escritos entre os anos de 1800 e 1950. O autor indica um ponto comum destes textos: a definição de um contraste entre os modos de pensar, viver e se relacionar ocidentais com os modos orientais. De acordo com a análise do pensador palestino, o oriental é descrito como um ser irracional, sem capacidade de autogoverno, preso a doutrinas religiosas extremas; de maneira geral, inferior ao europeu. Há, para ele, uma visão do árabe de caráter coletivo, ignorando a individualidade de cada nação e de cada indivíduo pertencentes ao Oriente Médio e à comunidade árabe.

3.2. Análises de eventos anteriores e o “pseudoambiente”

Nos anos seguintes aos atentados de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, o debate sobre o papel da mídia na perpetuação de uma imagem do muçulmano como alguém violento ganhou visibilidade no meio acadêmico. As ideias defendidas por Silva (2005) num artigo que analisou a cobertura da revista *Veja* a respeito dos eventos colaboram com essa discussão. Para a autora, a falta de uma crítica elaborada em relação a eventos que aparecem na imprensa internacional é algo menos visível para a população em geral, devido à distância com que os fatos se desenvolvem do público. Segundo a autora, “há um alto grau de credibilidade com relação às notícias internacionais, levando à ideia de que ‘pelo menos’ elas seriam mais confiáveis, tendo em vista o maior distanciamento com relação às realidades em questão” (SILVA, 2005, pp. 302).

Além disso, há o apoio na suposta neutralidade do jornalista, que faz com que o público absorva as informações como verdades absolutas, já que teoricamente o jornalismo é um elemento neutro de mediação que apenas reproduz fatos do mundo real. Faz parte do que Lippman (2008) chamou de “pseudoambiente”: a construção imaginária de uma realidade ou fato que está distante de nós, a partir de narrativas absorvidas ao longo do tempo. O comportamento que temos a partir deste pseudoambiente, entretanto, tem um impacto no ambiente real dos fatos. “Mas porque é um comportamento, as consequências, se eles são fatos, operam não no pseudoambiente onde o comportamento é estimulado, mas no ambiente real onde as ações acontecem” (LIPPMANN, 2008, p. 30).

Assim, se constituiu uma cultura histórica e midiática na construção de discursos sobre o Oriente, que se legitima numa visão ocidentalizada do outro. Nos atentados de

novembro de 2015 em Paris, todo esse contexto permeou a cobertura da mídia brasileira, trazendo as condições políticas do Brasil em relação aos Estados Unidos e as referências culturais que o país carrega.

3.3. O papel do Jornalismo

É importante, ainda, termos em mente algumas referências na busca pelo entendimento do que é Jornalismo. Embora seja impossível definir um conceito fechado, há valores que tradicionalmente guiam a profissão. É o caso da responsabilidade social, da busca pela verdade e pela pluralidade. Para Carlos Eduardo Franciscato (2005), um fator essencial para a prática de um jornalismo verdadeiramente plural e democrático é o desenvolvimento da sensibilidade em relação ao outro e da capacidade de problematizar estruturas socio-econômicas e valores baseados em construções culturais complexas.

Está imerso em um contexto espaço-temporal concreto significa também um vínculo do jornalismo a processos sociais amplos e históricos que atravessam formas específicas de instituições e que constituem os princípios organizativos de uma sociedade, tais como a construção e transmissão da cultura, as relações econômicas (o mercado como regulador da circulação), as formas de ação política e as transformações tecnológicas. (...) Em outras palavras, formatos jornalísticos são resultantes de modelos históricos de desenvolvimento da cultura, da economia, da política e da tecnologia; (FRANCISCATO, 2005, p. 167).

Guiados por valores predominantes na sociedade em que vivem, seria compromisso dos jornalistas questionar as estruturas que privilegiam os interesses de determinados setores em detrimento de outros, e procurar atuar de maneira plural, inclusiva e atenta àqueles que não conseguem se fazer ouvidos. Ao abordar a questão das construções discursivas de alteridade na mídia, Aídar Prado (2006) conceitua o que seriam o “Mesmo” e o “Outro” no jornalismo.

Chamamos “Mesmo” às séries de paisagens culturais e políticas, juntamente com seus valores, euforizadas pela mídia e homólogas à valorização média de seus públicos. Chamamos “Outro” às séries de paisagens culturais e políticas, juntamente com seus valores, frente às quais a mídia estabelece distâncias relativas, calculadas, homólogas ao afastamento que seus públicos mantêm. Frente ao Outro é preciso resguardar-se, qualificando-o como exótico (...), é preciso ocultá-lo do holofote, deixá-lo nas margens; assim, ele pode ser assimilado, admitido ou segregado (...) (PRADO, 2006, p. 4).

Para não reproduzir a visão hegemônica de distanciamento e estranhamento em relação às populações minoritárias, é necessário “acolher narrativamente a alteridade”, conforme Lago (2014). Tal exercício consiste em reconhecer as diferenças culturais, de História e contexto de vida dos seres humanos como legítimas e importantes para a construção de uma sociedade plural e integrada. Buscando dar voz ao Outro ao invés de falar em nome dele, é possível atingir a finalidade última da alteridade: o reconhecimento de si próprio no outro.

É importante, numa perspectiva de alteridade no jornalismo - e especificamente no contexto da abordagem do Islã - dar destaque às devidas diferenciações terminológicas relacionadas ao assunto. Aqui, ressaltaremos alguns termos que devem ser compreendidos e distinguidos, começando por Islã e islamismo. O Islã é a religião, e o islamismo é uma ideologia que atua nas frentes popular - ditando costumes da vida privada dos fiéis -, política - na esfera pública - e jihadista - no contexto internacional, com atuação armada. O sufixo latino “ismo” representa a adaptação de uma realidade já existente - no caso do Islã, uma religião - a uma ideologia política. O islamismo, portanto, se apropria de alguns elementos simbólicos da fé islâmica - alguns, não todos - para praticar uma ideologia que atua muito mais pela normatização de comportamentos do que de doutrina (RUTHVEN, 2000).

Outros termos importantes para a realização da análise do objeto desta pesquisa são muçulmano e árabe. O muçulmano, de forma genérica, pode ser definido como aquele cuja religião é o Islã. Mas é importante ressaltar que, da mesma forma que existem judeus não praticantes, ou seja, que não seguem os preceitos da religião, existem também muçulmanos não praticantes - que receberam por herança paterna o Islã como religião, mas não o cultuam de fato. Já o termo árabe cunha uma característica étnica, e não religiosa. Existem árabes cristãos, judeus, budistas, por exemplo. Da mesma forma que existem muçulmanos de etnias diversas. O maior país do mundo de maioria muçulmana é a Indonésia, onde a população não é árabe (BALTA, 2010).

3.4. Identidade e Representação

É também necessária a compreensão do conceito de identidade, para que se reconheça as fronteiras impostas a cada grupo identitário na representação midiática. A construção epistemológica do conceito dentro da perspectiva dos estudos culturais nos leva a colocá-la lado a lado com a diferença na hora de construir-lhe uma significação.

A partir da obra de Kathryn Woodward (2000), pode-se constatar uma série de reivindicações essencialistas sobre o pertencimento de um indivíduo a um determinado grupo, assim como seu não pertencimento a um outro grupo, tornando a identidade um conceito relativo, ainda que fixo e imutável na hora de olhar os que não pertencem ao grupo. A autora aponta que

Algumas vezes essas reivindicações estão baseadas na natureza; por exemplo, em algumas versões da identidade étnica, na “raça” e nas relações de parentesco. Mais frequentemente, entretanto, essas reivindicações estão baseadas em alguma versão essencialista da história e do passado, na qual a história é construída ou representada como uma verdade imutável. (WOODWARD, 2000, pp. 13)

Usaremos também o conceito do teórico inglês Stuart Hall (2006), que coloca a identidade como algo que “costura o sujeito à estrutura” (HALL, 2006, p. 12). O mesmo autor nos auxilia, ainda, a compreender a relação entre identidade e processos de representação. Através destes processos, para Hall, a identidade se torna fluida nos discursos que a modificam. “(...) formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2006, p. 13). Por se tratar de uma construção simbólica complexa, portanto, pode-se entender que representações têm origem numa construção cultural, mas são introjetadas de maneira muito profunda na mentalidade social.

Fica claro o papel do jornalista na representação do outro, uma vez que também passa por ele o poder de representação, principalmente na seleção que ele empreenderá quanto aos discursos e significados. Este processo ocorre sob um sistema de relações de poder, do qual o próprio jornalista faz parte.

4. METODOLOGIA

A metodologia empregada para o desenvolvimento deste trabalho será a análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin (2011). O objeto de análise será um conjunto de matérias publicadas no jornal Folha de São Paulo - veículo impresso de maior tiragem no Brasil - no período de dois dias após os atentados em Paris (14 e 15 de novembro de 2015). Este trabalho de análise terá base, também, no referencial teórico pesquisado previamente e acima apresentado. Os critérios considerados serão a referência ao Islã, o aprofundamento das perspectivas francesa e médio-oriental e a escolha das fontes, além do espaço dado a cada fonte nas matérias publicadas.

5. ANÁLISE

Para proceder à análise, detalharemos um pouco mais o objeto a ser estudado. As edições dos dias 14 e 15 de novembro de 2015 do jornal Folha de São Paulo foram escolhidas para análise quantitativa e qualitativa. Como os atentados aconteceram na noite do dia 13 de novembro (sexta-feira), em torno das 21h30min locais (18h30 em Brasília), na edição do dia 14 muitas informações importantes ainda não tinham vindo a público - inclusive a reivindicação dos ataques pela facção terrorista Estado Islâmico, fato essencial para a abordagem de nosso estudo. Portanto, é importante analisar não apenas a edição do dia imediatamente posterior aos atentados, mas também a edição do domingo, dia 15 de novembro. A publicação Folha de São Paulo foi escolhida por ser o jornal impresso brasileiro de maior tiragem, sendo assim um meio de muito alcance na construção ou reforço de pensamentos, estereótipos e valores simbólicos na sociedade. A proposta é analisar o conjunto de 30 textos - entre reportagens, notícias, análises, relatos, matérias de opinião, esquemas e tabelas, trazendo exemplos sempre que estes possam auxiliar a compreender as problemáticas abordadas.

O primeiro levantamento quantitativo realizado foi com relação a referências ao Islã nos textos estudados. Por referência ao Islã, se entende qualquer menção ao Estado Islâmico, à situação política de países islâmicos e às relações diplomáticas entre a França e estes países. Neste primeiro levantamento, foi identificado que 19 dos 30 textos analisados fizeram alguma referência ao Islã, ou seja, 63,3% dos textos. Desta porcentagem, podemos inferir que na maior parte das vezes que se fala nos atentados ocorridos em novembro de 2015, há um direcionamento para questões ligadas ao Islã. Esta constatação não aponta um problema, visto que de fato o Estado Islâmico esteve, nos últimos anos, envolvido diretamente em ataques armados a países ocidentais, e que tal facção é uma manifestação extremista da religião islâmica. Porém, o que observamos num segundo levantamento é que apenas 12 dos 30 textos fazem menção aos bombardeios ocorridos dias antes na Síria, ou à situação de conflito na Síria de maneira geral, que, opondo forças do Ocidente - coligação liderada pelos Estados Unidos, da qual a França faz parte - às forças do regime político sírio, tinha matado cerca de 250 mil pessoas entre 2011 e 2015 (EXAME, 2015). Observando que o frequente envolvimento do Estado Islâmico com atentados em países ocidentais resulta muitas vezes em simplificações e manifestações xenofóbicas da sociedade em relação ao povo

muçulmano, seria importante compreender melhor de que forma o terrorismo também vem afetando os países de fé muçulmana. Essa contextualização é necessária para compreender o cenário internacional no período, obviamente não em busca de uma justificativa, mas de uma melhor compreensão do cenário dos conflitos. Dos 12 textos que fazem referência aos bombardeios na Síria, somente 6 trazem alguma informação além de uma simples menção.

Num texto de análise assinado por Igor Gielow no caderno especial da edição do dia 14/11/2015, por exemplo, que levanta suspeitos dos ataques - mesmo antes da reivindicação pelo Estado Islâmico -, a única referência aos conflitos na Síria é a seguinte: “Naturalmente, a pergunta central será sobre o envolvimento da facção Estado Islâmico, que domina porções consideráveis da Síria e do Iraque e que está sob fogo do Ocidente e da Rússia” (GIELOW, 2015). Sem qualquer aprofundamento sobre as motivações - que certamente não justificam a violência, mas precisam ser informadas - e o histórico do conflito, este é um exemplo de abordagem que naturaliza a violência em uma parte do mundo - no Oriente Médio - ao mesmo tempo em que a critica em outra - na França, visto o espaço que os atentados em Paris tiveram no jornal brasileiro. Importante ressaltar que não estamos construindo, aqui, uma crítica ao espaço que os atentados tiveram na mídia brasileira, pois este espaço é plenamente justificado pela dimensão dos ataques e pelo número de vítimas, mas sim à falta de aprofundamento da situação no Oriente Médio, ambiente de principal atuação do Estado Islâmico, e que está diretamente relacionada aos atentados. Ao não aprofundar esta questão, se priva o leitor de um entendimento mais completo e complexo das relações diplomáticas no cenário internacional, reforçando a espetacularização do terror.

Outro exemplo a ser citado é o material da página 3 do caderno especial da edição de 15/11/2015. O último parágrafo da análise de Patrícia Campos Mello traz uma problemática importante: o prejuízo dos refugiados com os ataques do Estado Islâmico, que passam a sofrer mais xenofobia do que já sofriam. “Não adianta explicar que a maioria dos sírios também é vítima do terrorismo, assim como os franceses” (MELLO, 2015). Entretanto, dada a importância da problematização, é ainda uma menção muito breve a esta perspectiva. Já a tabela situada à esquerda da página é o único espaço em todo o material analisado que se dedica especificamente a explicar a situação de conflito político e armado na Síria, e a relação da França com isso, e a explicação é feita de maneira muito superficial. Termos próprios de estudos médio-orientais são usados sem

contextualização e conceituação, a causa do conflito não é explicada - por que os países aliados dos Estados Unidos querem a saída de Bashar al-Assad do governo sírio, por exemplo? Por que a Rússia apoia o ditador? Quais têm sido os procedimentos de intervenção externa na região? -, mortes de civis sírios devido ao conflito não são mencionadas e a situação é simplificada ao extremo. Na descrição das forças envolvidas no conflito, Assad e Putin são definidos como “pró-regime”, EUA, aliados e grupos rebeldes como “contra o regime” e o Estado Islâmico como “contra todos”, sem nenhuma explicação relativa à formação do conflito.

Para citar um exemplo único em que houve um aprofundamento significativo, trazemos a análise de Hussein Kalout, publicada na página 8 do caderno especial de 15/11/2015. Sem diminuir nem relativizar a gravidade dos atentados terroristas em Paris, o então colunista da Folha cita ataques que ocorreram logo antes no Líbano, na Turquia e no Kuwait, criticando a maneira como estes fatos são observados em comparação à observação de atentados em territórios ocidentais. Kalout afirma que:

“Ao consentir, ainda que inconsistentemente, com o terrorismo no Oriente Médio como algo corriqueiro, as democracias do mundo civilizado abrem caminho para que essa mesma chaga adentre e se instale em seu território” (KALOUT, 2015).

Ao abordar os eventos de terrorismo em questão partindo de um viés mais amplo e de diferentes perspectivas, promove-se não apenas a reflexão complexa - e conseqüentemente a tolerância e o respeito a partir do entendimento de diversas realidades -, mas também soluções possíveis para um problema de alcance global. A análise de Kalout liga os atentados a esta postura. “A inércia da diplomacia europeia ao negligenciar a gravidade da realidade síria pode ter servido, ainda que indiretamente, como um elemento facilitador dessa lamentável tragédia” (KALOUT, 2015).

Em outro levantamento quantitativo, constatou-se a frequência de 21 textos cuja temática é um aprofundamento geral dos atentados da perspectiva francesa - pronunciamentos do presidente François Hollande, relatos de pessoas que estavam nos locais atacados, notícias e reportagens que detalham o ocorrido no dia 13 de novembro de 2015. Há uma evidente repetição de informações sobre os atentados. Em 6 dos 12 textos publicados na edição do dia seguinte aos ataques, as informações trazidas são basicamente as mesmas, com um ou outro detalhe a mais - o que poderia ter sido transformado em uma grande reportagem.

Dada a relação tão frequente que é feita entre os atentados terroristas e o extremismo islâmico, uma forma de evitar generalizações e promover um entendimento mais amplo da situação geopolítica entre o Oriente Médio e a coligação de países ocidentais seria a procura por fontes de fé muçulmana para as matérias sobre o assunto. No material analisado, contabilizamos 6 textos com temática de política externa, dentre os quais 4 trazem fontes de origem médio-oriental. Entretanto, analisando qualitativamente o espaço que estas fontes têm no todo dos textos, em apenas uma matéria entre as quatro há mais de um parágrafo dedicado a entender a visão da fonte.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização de leituras de textos teóricos sobre comunicação, jornalismo, produção de discursos sobre o Oriente e História do Islã, e com a análise do material publicado nos dois dias posteriores aos atentados de 2015 em Paris no jornal Folha de São Paulo, podemos constatar que a mídia brasileira de maneira geral - representada pelo jornal impresso de maior tiragem do Brasil - representa o muçulmano de maneira simplificada. Devemos considerar que aquilo que não é publicado tem tanto peso simbólico quanto o que é publicado. Observemos, portanto: a falta de fontes árabes e a falta de aprofundamento histórico sobre situações de conflito no Oriente Médio, em combinação a uma maioria de textos que relacionam eventos de terrorismo com o Islã enquanto religião, e à repetição de informações sobre a situação da França após as tragédias de forma reiterada, deixando pouco ou nenhum espaço para a contextualização e aprofundamento tão necessários para o entendimento de um conflito como esse, e para a busca de soluções. Podemos concluir que há um tratamento diferente das realidades ocidental e médio-oriental.

O muçulmano - da mesma forma que árabes não-muçulmanos que habitam regiões de fé muçulmana - é o indivíduo que sofre com as consequências de uma representação simbólica estereotipada do Islã. Ao entender o jornalismo como instituição responsável pela formação e reforço de valores na sociedade, podemos enxergar que a associação indiscriminada entre atos de terrorismo e a fé islâmica, como se o extremismo religioso fosse um fenômeno diretamente ligado ao Islã, é prejudicial à representação do muçulmano como pessoa. O Islã, é importante ressaltar, é uma religião. Diferente do islamismo, que é uma ideologia de influência comportamental, política e armada. Uma associação feita de maneira simplificada contribui com uma

visão preconceituosa e estereotipada de um povo que, em sua maioria, também sofre com o terrorismo.

REFERÊNCIAS

BALTA, Paul. **Islã**. Porto Alegre: L&PM, p. 52-57, 2010. Tradução de William Lagos.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011. Tradução de Luiz Antero Reto e Augusto Pinheiro.

CASTRO, Isabelle Christine Somma. **Orientalismo na imprensa brasileira**: a representação de árabes e muçulmanos nos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo antes e depois de 11 de setembro de 2001. 2007. 174 p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

EXAME. São Paulo, 16 out. 2015. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/mundo/mais-de-250-mil-pessoas-morreram-na-siria-desde-2011/>>. Acesso em: 18 abr. 2017.

FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo, 14 nov. 2015.

FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo, 15 nov. 2015.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente**. Aracaju: UFS, 2005 “Contornos do jornalismo contemporâneo”, p. 164 a 173

GOMIS, Lorenzo. **Os interessados produzem e fornecem os fatos**. *Estudos em Jornalismo e Mídia*. V. 1, N. 1. Florianópolis: UFSC, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro.

LAGO, Cláudia. **Ensinaamentos antropológicos**: a possibilidade de apreensão do Outro no jornalismo. *Brazilian Journalism Research*. Vol. 10, Nº 2. Brasília: SBPJOR, 2014.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. Tradução de Jacques A. Wainberg.

PRADO, José Luiz Aidar. **Linhas de Fuga, da Mídia Semanal à Hipermídia**: é possível educar para as mídias? Intexto. Vol. 2, Nº 15. Porto Alegre, 2006.

RUTHVEN, Malise. **Islam**: A very short introduction. Oxford: Oxford University Press, p. 1-19, 2000.

SAID, Edward. **Orientalismo**: O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Tradução de Rosaura Eichenberg.

SILVA, Carla Luciana. **Veja e a cobertura do “11 de setembro”**: a legitimação da guerra imperialista. São Paulo, 2005.

TERUEL, Ana. **Atos de islamofobia triplicam na França em 2015**. 2016. El País. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/30/internacional/1451510403_463522.html>. Acesso em: 16/04/2017

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, p. 7-25, 2000